

# **Baixo crescimento: um problema crônico do Brasil**

**Marcos Mendes**

**Janeiro 2020**

**Insper**

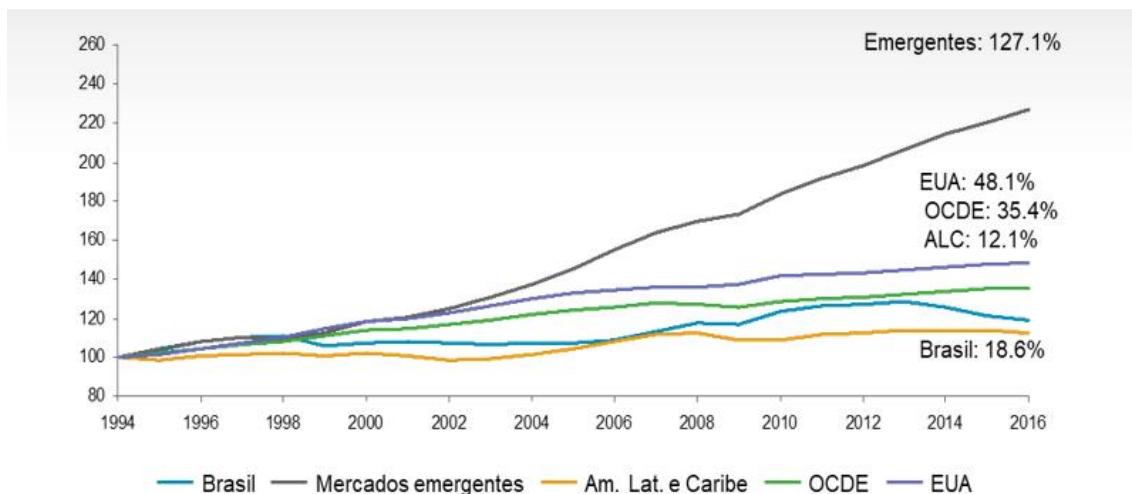
# Baixo crescimento: um problema crônico do Brasil

**Marcos Mendes**

Há grande impaciência da sociedade brasileira com o desempenho da economia nos últimos anos. A expectativa de uma retomada vigorosa tem se frustrado sucessivas vezes desde 2016. Ocorre que baixo crescimento econômico não é uma novidade para o Brasil. O país cresce pouco há quatro décadas. Não estamos diante de uma simples questão cíclica ou conjuntural. O problema é mais grave e perene.

A Figura 1 mostra que, de 1994 a 2016, o PIB por pessoa empregada cresceu apenas 18,6%. Aumentou a nossa distância em relação aos EUA e aos países da OCDE, que cresceram respectivamente 48,1% e 35,4%.

**Figura 1 – PIB por pessoa empregada (1994 =100)**

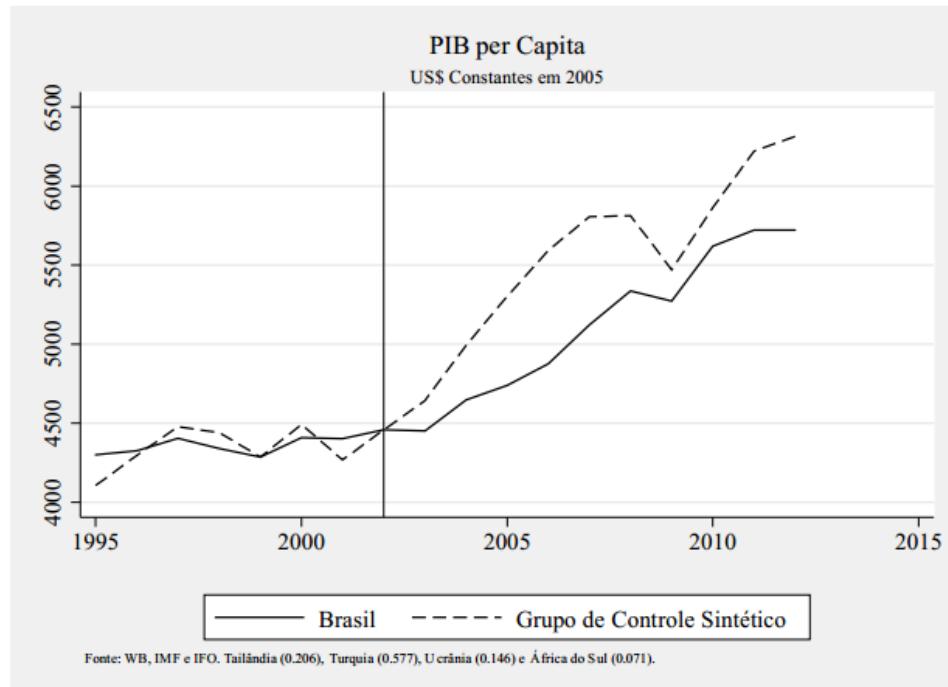


Fonte: Total Economy Database – The Conferency Board.  
Elaborado pela Oliver Wyman

Mesmo a partir de 2003, quando se iniciou um *boom* de *commodities* que elevou um pouco o nosso crescimento, crescemos menos que economias comparáveis ao Brasil. Carrasco, de Mello e Duarte (2015), utilizando a técnica estatística de “controle sintético”, selecionaram um conjunto de países cujo desempenho econômico anterior

a 2003 era o mais semelhante possível ao do Brasil. Comparando a trajetória do PIB per capita brasileiro com a média ponderada daqueles países (que vêm a ser Turquia, Tailândia, Ucrânia e África do Sul), o nosso desempenho em todo período posterior a 2003 é claramente inferior. Ou seja, mesmo no nosso “melhor período recente”, ficamos para trás em relação ao que poderíamos ter atingido.

**Figura 2 - Taxa de crescimento anual do PIB per capita: Brasil vs. Grupo de Controle Sintético (1995-2014)**



Fonte: Carrasco, de Mello e Duarte (2015)

Nosso baixo crescimento decorre de instituições que criamos ao longo da história recente, que levaram a: desequilíbrio fiscal crônico nos três níveis de governo, carga tributária alta e geradora de distorções na economia, baixa eficiência na gestão pública, economia fechada ao comércio exterior, legislação trabalhista rígida e anacrônica, baixa qualidade da educação, falta de foco das políticas sociais nas famílias mais pobres, insegurança jurídica e regulatória, infraestrutura deficiente, baixo desenvolvimento do mercado privado de crédito e de capitais (Mendes, 2014).

O que estamos vivendo desde 2010 é um agravamento da nossa incapacidade de crescer, causado por erros de política econômica, que serão comentados em outro texto, a ser publicado adiante.

A Figura 3 apresenta em maior detalhe o baixo desempenho do Brasil. Ela mostra o crescimento do PIB per capita de várias regiões e países nos últimos 38 anos. O desejável é que países de renda média e baixa tenham crescimento da renda per capita a um ritmo mais rápido que o dos países mais desenvolvidos. Se isso ocorrer, a diferença entre os dois grupos estará diminuindo, e os mais pobres estarão convergindo para o padrão de vida dos mais ricos.

De fato, a Figura 3 mostra que o conjunto de países de renda baixa e de renda média cresceu 2,63% ao ano. Mais rápido que os 1,63% ao ano dos países da OCDE, que são majoritariamente de alta renda.

O Brasil, no entanto, cresceu 0,78% ao ano: menos que a média da OCDE. Em vez de diminuir, nossa distância em relação aos mais ricos se alargou. Se tivéssemos apenas acompanhado o ritmo de crescimento dos países da OCDE no período 1981-2018 (ou seja, mantendo constante a nossa pobreza em relação à OCDE), o PIB per capita brasileiro de 2018 seria 37,4% maior.

O Brasil cresceu menos até do que a média da América Latina e Caribe.

**Figura 3 - Taxa de crescimento anual do PIB per capita: 1981-2018**

País	1981-2018	1981-1990	1991-2000	2001-2010	2011-2014	2015-2018
China	<b>8,55</b>	7,77	9,28	9,93	7,59	6,20
Coreia do Sul	<b>5,41</b>	8,65	6,06	3,89	2,44	2,42
Índia	<b>4,33</b>	3,25	3,61	5,10	4,85	6,43
Irlanda	<b>4,15</b>	3,36	6,20	1,07	2,96	9,86
Botswana	<b>3,67</b>	7,02	2,38	2,24	5,18	0,55
Turquia	<b>3,03</b>	3,15	2,07	2,76	5,64	3,16
Renda média superior	<b>3,00</b>	1,31	1,89	5,16	4,28	3,29
Chile	<b>2,94</b>	1,56	4,77	3,15	3,27	0,97
Etiópia	<b>2,71</b>	-0,81	-0,28	5,74	7,11	6,14
Renda média e baixa	<b>2,58</b>	1,10	1,41	4,52	3,79	3,10
Colômbia	<b>1,81</b>	1,30	0,89	2,69	4,15	0,86
Peru	<b>1,64</b>	-2,95	2,10	4,64	4,24	1,86
Membros da OCDE	<b>1,63</b>	2,36	1,90	0,89	1,05	1,58
América Latina e Caribe	<b>0,88</b>	-0,50	1,39	1,92	1,62	-0,27
Brasil	<b>0,78</b>	-0,36	1,00	2,54	1,45	-1,97
Argentina	<b>0,78</b>	-2,25	2,89	2,63	0,08	-0,84
México	<b>0,73</b>	-0,23	1,80	0,06	1,50	1,36
África do Sul	<b>0,29</b>	-1,00	-0,18	2,15	0,86	-0,50

Fonte: World Bank Database

Quebrando essas quatro décadas em períodos menores, há interessantes variações de comportamento. Entre 1981 e 1990, a chamada “década perdida”, a renda per capita do Brasil caiu, aumentando nossa distância em relação à OCDE e ao resto do mundo.

A crise da dívida externa e a hiperinflação dragaram capacidade de crescimento não apenas do Brasil, mas também de vários países da América Latina e Caribe.

De 1991 a 2000, mais uma vez tivemos desempenho pior que o da OCDE, e também inferior à média da América Latina e Caribe. Estábamos envolvidos nas seguidas tentativas de estabilização da inflação, ajuste fiscal, com uma crise bancária e uma crise das dívidas estaduais. Foi basicamente um período de ajuste, que cobrou seu preço em termos de baixo crescimento. Diversos avanços institucionais ocorreram nesse período, como a Lei de Responsabilidade Fiscal e o regime de metas de inflação.

Entre 2001 e 2010, pela primeira vez, dentro do período analisado, conseguimos crescer mais que a OCDE e a média da América Latina e Caribe. Os países desenvolvidos sofreram o impacto da crise financeira de 2008. O Brasil, por sua vez, gozava um duplo bônus: o ajuste macroeconômico empreendido na década anterior, que se manteve até 2005, somado a um período positivo no mercado internacional de *commodities*. Isso nos permitiu, pela primeira vez no período analisado, ter crescimento do PIB per capita acima de 2,5% ao ano. O que ainda é muito baixo.

No quadriênio 2011-2014, voltamos a crescer abaixo da média da América Latina e Caribe, e a nossa vantagem em relação ao crescimento da OCDE diminuiu. O país já começava a sentir o peso de um amplo conjunto de equívocos na política econômica: desequilíbrio fiscal, intervenções inadequadas no sistema de preços, nas decisões privadas de investimento e na regulação.

No período final, de 2015 a 2018, continua a tendência de deterioração do período anterior. O Brasil tem o pior desempenho de todo o conjunto de países e regiões contidos na Figura 3. Ao mesmo tempo em que os erros de política econômica do período 2005-2015 se fizeram sentir na plenitude, os problemas estruturais que emperram nosso crescimento há quatro décadas chegaram ao ápice. Em especial, o desequilíbrio fiscal se tornou muito forte, a dívida pública disparou, o sistema tributário tornou-se disfuncional.

Obter taxas mais elevadas de crescimento, por um período prolongado, requer inevitáveis ajustes e reformas econômicas. A busca de atalhos vai perpetuar o nosso mau desempenho, caracterizado por voos de galinha seguidos de recessões.